

Quem apostar que a inflação de janeiro ficará perto de 10% não vai perder

245



Os sinais que temos hoje são de uma clara desaceleração da inflação pelo menos nos dois primeiros meses de 1991. Quem apostar numa inflação perto de 10% no mês de janeiro não vai perder. Fevereiro é um mês vazio, de festas, e o quadro deve se manter o mesmo. Portanto, o governo vai ter, no primeiro trimestre, um ambiente favorável em relação à inflação. As expectativas para o segundo semestre são diferentes. Existe a sensação de que a liberação dos cruzados novos produzirá uma enorme turbulência. O provável é que o governo tenham muito mais dificuldades no segundo semestre.

Resta saber que profundidade terá a recessão em 1991. Minha expectativa é de que, no primeiro trimestre, ela não será tão forte quanto se imagina, em função das resistências naturais da economia brasileira. A economia se desacelerou mais depois das eleições porque a campanha eleitoral produz uma espécie de colchão de amortecimento de demanda, com o gasto com pessoas e com material. Mas, já no final do ano, a economia mostrou sinais de desaceleração.

O mais preocupante são as decisões que grandes grupos empresariais e setores importantes vêm tomando para se prevenir contra uma possível recessão. Eles estão adotando medidas claramente depressivas. As indústrias de bens de consumo, principalmente as de bens duráveis, estão programando demissão de pessoal. O setor de eletrodomésticos acionou um programa de redução de 30% do efetivo, o que significa a demissão de 20 mil pessoas até 31 de janeiro. A indústria automobilística está se preparando para reduzir a produção em 50%. A construção civil prevê a redu-

ção de metade da contratação de obras públicas.

Isso agrava a recessão. Mas, de outro lado, as empresas, com essa atitude, tomam certas decisões que produzem uma compensação na conjuntura. Quando uma empresa atrasa seus pagamentos no sistema financeiro — e hoje os atrasos de 120 dias já estão perto de 10% do total dos créditos — ela está gerando dinheiro. Quando atrasam o recolhimento de tributos, isso gera pressão sobre o fisco e sobre o banco estadual. Essa pressão sobre o sistema monetário também é compensatória.

Então, as previsões de uma recessão muito profunda no primeiro trimestre provavelmente não vão se confirmar. Mas a partir daí a situação ficará muito delicada. A grande preocupação quanto à questão recessiva deve ficar basicamente para o segundo semestre. A questão fiscal, por exemplo, é um ponto de interrogação. Não é à toa que o presidente do Banco Central está insistindo em que o país precisa de ajustes constitucionais para que venha uma reforma fiscal de fato.

Como novidade nessa conjuntura, o governo passou a ter uma oposição pela direita. Quando Delfim Neto aposta em Ulysses Guimarães na presidência da Câmara, ele quer estabelecer algum tipo de confronto com o Executivo. Isso não contribui para que se possa construir um ambiente que permita ao país sair dessa crise profunda em que se encontra há tantos anos. Insisto em que este governo não pode fracassar. O fracasso do governo pode produzir o prolongamento dessa crise por muitos e muitos anos. Na esfera política, estamos todos no ponto zero, o que é preocupante pois as restrições políticas podem neutralizar a eficácia da política econômica, mesmo que supostamente eficiente.